

ARTIGO

Recebido em 20 de outubro de 2021
Aprovado em 24 de julho de 2022

“Santa Cecília Ressurge” – considerações preliminares sobre a atividade musical do Seminário de Mariana na primeira metade do século XX

"St. Cecilia rises" – preliminary considerations on the musical activity of Mariana Seminary in the first half of the 20th century

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v8i1.47222>

Josinéia Godinho

Professora do Curso de História da Arte Sacra da FDLM, Regente do Coral do Seminário S. José de Mariana/MG. Organista e regente da Catedral de Nossa Senhora da Assunção de Mariana/MG. Mestre em Musicologia pela UFMG e Diplomada em Órgão pela Escola Superior de Música e Teatro de Hamburgo/Alemanha (HfMT).

E-mail: josineiagod@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0249-2112>

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo trazer à luz a trajetória da atividade musical dentro do Seminário de Mariana. Em 2020 a instituição celebrou seus 270 anos de fundação e estabeleceu-se na história como uma das mais tradicionais e prestigiadas casas de formação para sacerdotes no país. Egressos do Seminário ocuparam cargos de destaque tanto na vida religiosa quanto secular e política não só em Minas Gerais, mas em todo o Brasil. Para melhor entender o desenvolvimento das atividades musicais dentro do Seminário, abordamos inicialmente a história da instituição desde a sua fundação ainda no século XVIII, continuando com uma análise do perfil dos alunos e do currículo oferecido até que a Música passasse de fato a fazer parte da formação musical dos futuros sacerdotes. A vida musical do Seminário até a década de 60 do século XX foi retratada através de relatos escritos, acervos e entrevistas, que corroboram a importância da vivência artística no processo de formação dos futuros líderes religiosos.

Palavras-chave: Educação. Religião. Artes. Música. Acervos.

ABSTRACT

This work has the aim to show de musical activity in the Theological Seminary of Mariana. The institution, historically established as one of the most traditional and prestigious in Brazil, celebrated in 2020 her 270 jubilee. Former students of the Mariana’s Seminary occupied prominent positions in both religious, secular and political life, not only in Minas Gerais, but also in hole Brazil. To understand the development of musical activities at the Seminary, we initially approached his history since the foundation in the 18th century, continuing with an analysis of the profile of the students and the curriculum offered until Music actually became part of the musical formation of future priests. The musical life of the Seminary until the 60s of the 20th century was portrayed through written accounts, collections and interviews, which corroborate the importance of artistic experience in the process of training for the future religious leaders.

Keywords: Education. Religion. Arts. Music. Archives.

Introdução

Em 2020 o Seminário de Mariana celebrou seus 270 anos de fundação. O terceiro Seminário mais antigo do Brasil foi referência na formação de sacerdotes desde os seus primeiros anos de funcionamento. Foi estabelecido numa Diocese, cuja catedral já desde antes da chegada de seu primeiro bispo possuía um grupo musical nomeado, assim como mestre capela e organista. No século XVIII a atividade musical em Minas Gerais tornava-se cada vez mais importante, com grupos musicais contratados por irmandades, e pelo Senado da Câmara para as festas religiosas e cívicas. A qualidade e a propriedade do repertório executado deveriam ser supervisionadas pelo mestre de capela da Catedral, que era um padre ordenado.

Há muito que os acervos de Minas Gerais têm sido organizados e catalogados e a música que eles preservam vem sendo novamente executada. Mas ainda há pouca informação sobre a atividade musical dentro do Seminário de Mariana. Como ocorria o ensino musical necessário aos padres em formação? Ou qual o papel que a música desempenhava no cotidiano da formação presbiteral? Havia relação entre a atividade musical florescente da região com a do Seminário? A instituição beneficiava o seu entorno musical ou, pelo contrário, pôde absorver pessoas já capacitadas para suas atividades?

Estas e outras questões saltam aos olhos ao observar o panorama musical da região dos inconfindentes em paralelo com a história do terceiro Seminário mais antigo do Brasil.

O jubileu do Seminário deu o primeiro impulso para a busca de informações ou, no mínimo, para o levantamento de hipóteses que possam responder algumas destas indagações.¹ Ainda outras descobertas virão, na medida em que mais acervos, como por exemplo, a seção de música para bandas do Museu da Música de Mariana, forem organizadas e catalogadas, e outras informações da crônica musical do Seminário forem vindo à luz.

Contexto histórico

Fundado em Mariana no dia 20 de dezembro de 1750, o Seminário Nossa Senhora da Boa Morte integra a série de grandes mudanças ocorridas na cidade no curto espaço de 5 anos: em 1745 fora criada a primeira Diocese de Minas Gerais e, para recebê-la, a então Vila do Carmo foi elevada a cidade, nomeada Mariana em homenagem à rainha de Portugal. Seu primeiro bispo nomeado, Dom Frei Manuel da Cruz, após três anos de viagem do Maranhão até Minas, chega à diocese em 1748 e, somente dois anos depois cria o seminário.

Um dos pontos que recebeu atenção especial nas decisões do Concílio de Trento², foi o da formação sacerdotal. Com o intuito de fortalecer e sedimentar a doutrina e o governo da Igreja no período pós Reforma Protestante, o Concílio estabeleceu uma série de decretos a respeito da formação dos futuros padres, e

¹ Entre outras atividades de comemoração dos 270 anos do Seminário de Mariana foi concebido o “Projeto Memória” constituído de diversos grupos de trabalho, focando áreas diferentes de atuação da instituição no decorrer da sua história. A pesquisa básica a respeito do papel da Música nesta trajetória foi o impulso inicial para esta pesquisa.

² Convocado pelo Papa Paulo III (1468-1549) o Concílio realizado entre os anos de 1545 e 1563 reafirmou os dogmas católicos mais questionados pela reforma protestante, além de ter a função de corrigir abusos em práticas diversas da Igreja, incluindo a Liturgia e formação de clérigos.

principalmente, sobre o papel dos bispos na formação dos mesmos. Estabeleceu-se, entre outras coisas que todas as dioceses deveriam manter seminários supervisionados direta e atentamente pelos bispos; que se localizassem preferencialmente próximos às catedrais e que dessem preferência para alunos pobres que, de outra forma, não teriam qualquer possibilidade de adquirir formação.

No Brasil, provavelmente pela precariedade das condições de vida nas vilas e cidades do início da colonização, assim como pela pobreza das primeiras dioceses que não contavam de fato com dotações reais suficientes para erguer e manter seminários, as primeiras instituições são datadas somente do século XVIII.

Os três primeiros seminários criados no Brasil foram:

- Seminário São José, da Diocese do Rio de Janeiro em 1739 (63 anos após a criação da Diocese);
- Seminário Nossa Senhora das Missões, da Diocese de Belém do Grão-Pará em 1749 (30 anos após a criação da Diocese);
- Seminário Nossa Senhora da Boa Morte, da Diocese de Mariana em 1750 (2 anos após a criação da Diocese).

A Companhia de Jesus foi responsável pela direção e organização de diversos seminários já nos primeiros anos pós Concílio³ e paralelamente a outras ordens construiu com o passar dos séculos reputação sólida de eficiência na formação de jovens para o sacerdócio.

O jesuíta italiano Gabriel Malagrida empreendeu viagens a várias partes do Brasil com o objetivo de sondar potenciais dioceses para a criação de seminários. Após solicitação à Corte “recebeu da coroa portuguesa em 1751 a autorização para erigir seminários em qualquer parte da América.” (SELINGARDI, 2007 *apud* SIQUEIRA, 2019, p.258.)

Antes mesmo da fundação, em 1749 o bispo de Mariana entregou a direção do novo seminário aos jesuítas, sendo o primeiro reitor o Padre José Nogueira, que foi também o único professor da instituição até 1757. Os novos professores pouco puderam lecionar, uma vez que em 1758 foram convocados para o Rio de Janeiro e, de lá, expulsos do país junto com todos os outros membros da Ordem que aqui residiam.

Em função da retirada dos jesuítas o seminário passou para a direção de padres diocesanos, regime mantido até 1844. Este período de 86 anos foi marcado por instabilidades de toda ordem dentro da instituição: de carência financeira e ausência de governo em fases de vacância episcopal até graves problemas disciplinares ou de conduta por parte de alunos e padres, resultando em interrupções do funcionamento, primeiro entre 1769-1771 e depois entre 1811 e 1817. Desde a sua fundação, com 40 alunos, a quantidade de estudantes igualmente passou por oscilações, indo de 200 seminaristas em 1806 até somente 1, em 1844, à época da posse de Dom Antônio Ferreira Viçoso.

Da mesma forma que no século XVI a Companhia de Jesus teve destaque na formação de sacerdotes, no século XIX esta posição de primazia foi assumida pelos padres da Congregação da Missão, também

³ Carlos Borromeo, arcebispo de Milão (1538-1584), entregou aos jesuítas a direção de um seminário, fundado por ele na mesma cidade, procurando colocar em prática as disposições formuladas pelo Concílio para a formação de novos sacerdotes.

conhecidos como Lazaristas. Em Minas Gerais já estavam estabelecidos desde 1820, ao receberem a doação do Santuário de Nossa Senhora Mãe dos Homens no Caraça onde estabeleceram um colégio. Dom Viçoso, missionário da Ordem, vindo de Portugal, participou da implantação do colégio.

Após sua nomeação como bispo de Mariana, D. Viçoso inicia o processo gradativo de transmissão da direção do seminário aos padres lazaristas. Em 1858 a direção, em 1859 a administração e, entrega solene, em 1863. Apesar de algumas dificuldades iniciais de adaptação, a administração lazarista transformou o Seminário de Mariana em uma das instituições de ensino mais prestigiadas do país na formação de sacerdotes e intelectuais.

Em 1965, já sob forte influência das mudanças promulgadas pelo Concílio Vaticano II, e pressionados pelas tendências “progressistas” dos alunos, refletindo o período de intensa mudança social vivido por todo o mundo naquela época, os padres lazaristas sugeriram ao então arcebispo Dom Oscar de Oliveira, uma pausa na formação para efetuar a transição de administração. O currículo e a disciplina deveriam ser modificados segundo as novas normas do Concílio. Em 1966 os cerca de 115 alunos foram enviados de volta às suas casas, com a expectativa de serem chamados no ano seguinte para retomar a formação. Porém houve divergências entre o arcebispo e os lazaristas com relação à reformulação. Segundo VITAL, “O provincial não admitiu a ingerência do arcebispo em assuntos internos da congregação. Em resposta à desconfiança do arcebispo, o Conselho Provincial entregou os dois seminários, o Maior e o Menor.”⁴ No ano seguinte foram readmitidos somente cerca de 50 seminaristas para dar continuidade aos estudos sob a direção do clero diocesano, que se mantém à frente da instituição até os dias de hoje.

O ensino da música no Seminário de Mariana

Ao colher informações sobre a grade curricular do Seminário de Mariana até o ano de 1844, não é possível encontrar informações a respeito de formação musical específica para os futuros sacerdotes. Neste período as disciplinas necessárias para a formação eram quatro:⁵

- Gramática – principalmente aulas de Latim;
- Retórica – nem sempre presente na grade curricular, mas sempre recomendada;
- Filosofia;
- Teologia Moral e Dogmática.

Porém segundo as “*Constituições do Arcebispado da Bahia*” de 1707 – que tinham força de lei eclesiástica para todo o território brasileiro até 1899 –, para a obtenção das três ordens religiosas quais sejam:

⁴ VITAL, J. D. *A revoada dos anjos de Minas* (ou A diáspora de Mariana). Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2016. p.102.

⁵ PEREIRA, João Paulo Rodrigues. O Ensino no Seminário de Mariana durante o período de Dom Antônio Ferreira Viçoso (1844-1875). *Saberes Interdisciplinares* Ano XI, nº 22, jul.-dez./2018. Edição Especial Vol. 2 Atas do XII Colóquio Antero de Quental.

subdiácono, diácono e padre; os candidatos deveriam provar proficiência em sacramentos; censuras eclesiais; matérias morais; breviário e canto, além do latim. (SELINGARDI, p. 119)

Assim pode-se supor que alguma formação musical – mesmo que informal e muito mais por imitação – deve ter sido ministrada na instituição, uma vez que as habilidades para o canto litúrgico, mesmo que rudimentares, seriam exigidas dos candidatos a padres.

Num período em que a Catedral de Mariana contava com sua estrutura musical estabelecida, criada juntamente com Cabido da Catedral, contando com organista, mestre de Capela e ‘moços de coro’, não se encontrou até o momento ligação entre as atividades musicais da Catedral e as do Seminário. Esta lacuna se mostra ainda mais interessante quando se leva em consideração que os mestres de capela e organistas da Catedral eram todos padres.

Mas um dado pode ser importante para tentar elucidar esta questão: há informações de que nos primeiros anos do Seminário, talvez mesmo nos primeiros 100 anos, havia preferência para a admissão de alunos adultos. Nos primeiros anos da instituição, ainda no bispado de D. Viçoso, quase dois terços dos alunos matriculados tinha mais de 20 anos de idade, e entre os mais jovens nenhum abaixo dos 16 anos.⁶ Sendo assim, provavelmente grande parte dos padres-músicos já havia recebido sua formação musical fora da instituição e algumas vezes provavelmente poderiam ter decidido tomar as ordens exatamente para fazer uma carreira musical mais estável dentro da Igreja. Talvez um dos exemplos mais claros dessa prática de formação musical anterior à tomada das ordens tenha sido o Padre João de Deus de Castro Lobo que, vindo de uma família tradicional de músicos de Vila Rica, atuou profissionalmente como diretor de orquestra da Casa da Ópera da cidade desde os dezessete anos de idade. Dez anos depois, após alguns anos prestando serviços musicais para a Ordem do Carmo de Vila Rica, ordenou-se sacerdote e foi nomeado oficialmente em 1825 mestre de capela da Catedral de Mariana. Atuou concomitantemente como diretor musical da Casa da Ópera até a sua morte⁷. Levando em consideração que a atuação de professores de música na região remonta ao início do século XVIII⁸ o caso do Pe. João de Deus não deve consistir em fato isolado.

No que se refere à Música a chegada dos padres lazaristas significou o ponto inicial de uma rica tradição envolvendo a criação e manutenção de diversos grupos musicais: coros, orquestra, banda⁹.

Os horários de aulas no seminário já previam momentos de estudo do gregoriano para os alunos: “[...] 1 ¼ jantar e recreação. 3 ½ aula por duas horas. 5 ½ cantochão para os Eclesiásticos e recreação para os mais. 6 e ½ estudo em silêncio rigoroso. [...]” (PIMENTA, 1920, p.108-109, *apud* PEREIRA, p. 74).

Na grade curricular de 1860 o canto gregoriano já figura como disciplina obrigatória: “[...] História Eclesiástica, Teologia Moral, Liturgia, Direito Canônico, Canto Gregoriano e Teologia Dogmática” (PIMENTA, 1920, p.108-109, *apud* PEREIRA, *idem*).

⁶ PEREIRA, João Paulo Rodrigues. O Ensino no Seminário de Mariana durante o período de Dom Antônio Ferreira Viçoso (1844-1875). *Saberes Interdisciplinares* Ano XI, nº 22, jul.-dez./2018. Edição Especial Vol. 2 Atas do XII Colóquio Antero de Quental

⁷ CASTAGNA, Paulo. Produção musical e atuação profissional de João de Deus de Castro Lobo (1794-1832): do desaparecimento de seus autógrafos à transmissão de sua música pelas redes sociais. *Opus: Revista Eletrônica da ANPPOM*, v.18, n.1, jun. 2012, p.9-40. ISSN: 1517-7017. p. 5 e 6.

⁸ GODINHO, Josineia. *Do iluminismo ao cecilianismo: a música mineira para a missa nos séculos XVIII e XIX*. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música, Universidade Federal de MG. Belo Horizonte, 2008.

⁹ MINAS GERAIS, MARIANA. SEMINÁRIO MAIOR. NUNES, Pe. *Santa Cecília Ressurge*. Não paginado. Manuscrito. “[...] Outrora três bandas, correspondentes às diversas repartições, alegravam o velho seminário, comunicando-lhe um sopro de feliz juventude, [...] hoje...”.

Finalmente, em 1864 o próprio D. Viçoso informa a grade curricular do Seminário Menor: “Latim, Frances, Inglês, História, Aritmética, Álgebra, Geometria, Retórica, Filosofia e Música.” (PIMENTA, 1920, p.108-109, *apud* PEREIRA, *ibidem*).

A atividade musical do Seminário de Mariana

As fontes de pesquisa acerca da atividade musical do Seminário de Mariana são basicamente de duas espécies: os seus arquivos musicais e as crônicas de vivências, quer escritas ou orais.

No campo dos arquivos musicais, o Seminário de Mariana conta com duas coleções bastante ricas: A primeira se encontra sob a guarda do Museu da Música de Mariana e abriga o repertório instrumental pertencente à Orquestra do Seminário que, ao que tudo indica, foi dissolvida após a saída dos padres lazaristas. Também alguns poucos instrumentos remanescentes pertencentes a este grupo musical foram depois de alguns anos igualmente confiados ao Museu da Música.¹⁰

A outra coleção ainda se encontra em poder da instituição, nas dependências do Seminário Maior e se compõe de repertório sacro, preponderantemente vocal e ainda carece de catalogação e cuidados de higienização e armazenamento. Além do repertório vocal a coleção possui também, biografias de compositores e métodos para o aprendizado dos mais diversos instrumentos. Neste mesmo armário está uma pasta com o título “Antiguidades Santa Cecília” que contém uma série de relatos de época, desde movimento financeiro até crônicas descrevendo com detalhes os esforços feitos pelos seminaristas, em dois momentos, para revitalizar a banda Santa Cecília do Seminário. A estes relatos voltaremos com mais vagar mais adiante.

A primeira coleção, referente à orquestra do Seminário, que se encontra no acervo do Museu da Música de Mariana, recebeu a designação de Acervo Seminário Menor (ASM). Apesar de ter recebido esta designação, ainda será necessário pesquisar de forma mais detalhada a que casa pertencia esta orquestra; ou seja, se ao Seminário Menor ou ao Seminário Maior. Pelos depoimentos de ex-alunos do Seminário e também ex-integrantes da orquestra, ao menos na década de 1940, a orquestra era composta por alunos do Seminário Maior. Os dados de diversos copistas do acervo não contribuem positivamente para a elucidação, uma vez que em algumas cópias há a indicação de ‘seminário maior’ e outras de ‘seminário menor’. Nos últimos anos de funcionamento da orquestra, já na década de 60 ela recebia a designação de Orquestra do Seminário Maior.

O repertório do grupo era bastante abrangente e eclético, mostrando talvez uma preferência pelo repertório operístico. Diversas aberturas de óperas de Bizet, Mozart, Puccini, Rossini Verdi, além de aberturas das óperas de Carlos Gomes; passando por obras de Beethoven como a 5. Sinfonia, 7. Sinfonia e as aberturas ‘Fidelio’ e ‘Egmont’, valsas de Strauss, trechos de operetas de Lehár e V. Suppé. Mas havia também obras de cunho mais popular como ‘Limelight’ de Charles Chaplin, ‘A Praça’ de Carlos Imperial; ‘Tema de Lara’ do filme Dr. Jivago e ‘Arrastão’ de Edu Lobo.

¹⁰ “Os alunos ‘voaram’ pelo Brasil com violinos, violas de orquestra, contrabaixo, pistons e violões e viraram notícias de revistas e jornais”. VITAL, J. D. *A revoada dos anjos de Minas* (ou A diáspora de Mariana). Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2016. p. 148

No acervo há muitas cópias manuscritas de edições impressas tradicionais de casas conhecidas como Anton J. Benjamin (Leipzig), G. Ricordi & C. (Milano), Salabert (Paris); Heugel & Cie au Ménestrel (Paris); B. Schott's Söhne (Mainz). O procedimento comum era possuir um jogo de partituras impressas para a orquestra e cada músico ser responsável por copiar a parte do seu próprio instrumento. A julgar pelas cópias datadas no acervo houve três períodos de maior produção de cópias, talvez por serem períodos nos quais a orquestra estivesse mais ativa ou em fase de renovação de repertório: entre 1939-1941, 1952-1955 e, finalmente, 1963-1966. Fica em suspenso a indagação de como as edições originais foram adquiridas pelo Seminário. Os padres lazaristas possuíam casas de formação em diversas partes do Brasil assim como mantinham também estreitas ligações com a sua Casa-Mãe na França. Além disso havia viagens relativamente frequentes a Roma para estudos, sínodos e também para requerer dispensas e resolver outras questões de direito canônico. De forma que tanto adquirir partituras nos grandes centros do Brasil quanto trazê-las de viagens seriam possibilidades viáveis para a obtenção de repertório. Um episódio relatado a respeito de compra de instrumentos para a banda, nos ajuda a entender como isso ocorria sem maiores problemas:

[...] nos deram 700,00, dinheiro que apliquei na compra de duas clarinetas, não porque estívéssemos necessitando de tais instrumentos, mas porque se nos apresentou a oportunidade de um negócio vantajoso. Com efeito, um seminarista do Seminário Maior, Vicente de Paulo Burnier, ia a Roma, para obter as devidas dispensas para se ordenar. Oferecendo-me seus préstimos, confiei-lhe 800,00 para aquela compra. (NUNES, n.p.)

A orquestra e outros grupos musicais do Seminário eram constantemente convidados a fazer apresentações musicais para o público em geral, muitas vezes fora da cidade. Um concerto da orquestra e do coro do Seminário foi descrito em detalhes por um ex-aluno:

Em 18 de novembro de 1965, por exemplo, lambe-lambes distribuídos em Ouro Preto anunciavam para o Teatro Municipal o concerto da Orquestra e Coro do Seminário São José de Mariana. Roque acha que foi sua última participação na orquestra. O repertório, de qualidade, expressava o alto grau musical do grupo: J. P. Sousa (“Diplomat March”, marcha americana); Tchaikovsky (“Tema Favorito do Concerto nº 1”), Puccini (“Un bel di vedremo”, bela ária da ópera *Madame Butterfly*) e o popular “L’hymne à l’amour” (Monnot – Piaf) figuravam na primeira parte do programa. Na segunda parte, Franz Schubert (“Sinfonia nº 8 Inacabada”), Mascagni (“Intermezzo Sinfônico”, da vibrante *Cavalleria Rusticana*) e, para delírio das mocinhas de Ouro Preto, o então aclamado sucesso de Charles Trénet, “La Mer”. Na parte três, o coro entrava em cena, a capella, com “Santa Maria”, de A. Schweitzer, e a *bocca chiusa* no segundo ato de *Madame Butterfly*. E, por fim, para arrepiar ainda hoje os músicos remanescentes daquela noite gloriosa, a “Marcha triunfal” (final do II ato de *Aida*), de Giuseppe Verdi. (VITAL, p.48-49).

Neste período também há informações sobre a composição da orquestra, na verdade muito mais uma orquestra de câmara ou de salão:

- 3 primeiros violinos; 5 segundos violinos;
- Viola; Cello; 2 Contrabaixos;
- Oboé; Clarineta; Flauta; Pistom; Trombone; Trompa;

- Piano; Harmônio.

Imagem 1 – Orquestra do Seminário



Fonte: Arquivo pessoal J. D. Vital.

Segundo o mesmo autor, a orquestra era conhecida até mesmo na capital: “O nível da Orquestra do Seminário Maior estonteava os visitantes de Mariana, muitos deles de Belo Horizonte, habituados apenas a bandas militares ou a pequenas orquestras populares que acompanhavam os cantores da Rádio Inconfidência.” (VITAL, p.49)

Citando o depoimento de outro ex-aluno, João Batista Ferreira, Vital (2016, p. 68) também informa:

O Seminário Maior era um centro de reflexão, debates e estudo dos mais invejáveis. Possuía uma orquestra de grande envergadura, digna de grandes ribaltas. Seu coral, afinadíssimo e de vasto repertório, passou a cultivar o canto profano ou música popular. [...] a orquestra famosa, tocando clássicos soberba na execução de O Guarani!” E o coral ou *schola cantorum*, treinado na polifonia sacra e profana, convocado para abrilhantar festas, missas solenes, datas cívicas em terras mineiras, apresentando-se em igrejas, palcos e salões.

Imagem 2 – Orquestra e Coro do Seminário



Fonte: Arquivo pessoal J. D. Vital.

O Acervo de partituras que se encontra no Seminário, parece ser quantitativamente maior do que o que está em poder do Museu da Música de Mariana. Apesar de ainda não ter sido catalogado, foi minimamente organizado por vários alunos, no decorrer dos anos, principalmente a partir da década de 80. São partituras, impressas, fotocopiadas e mimeografadas, livros e métodos para diversos instrumentos. As partituras, de uso recorrente, foram organizadas em envelopes e pastas para acelerar o acesso quando o seu uso se fizesse necessário. Neste “Acervo Caseiro” descobrimos não só a grande parte do repertório sacro da instituição, mas também o perfil da atividade musical cotidiana daqueles anos. Este acervo está localizado em um armário embutido na parede posterior do hall de entrada do seminário São José, diante da porta do Salão Teológico (ou salão dos Doutores). E a organização foi feita da seguinte forma:

- Pastas de partituras – 275;
- Envelopes contendo partituras diversas – 350;
- Partituras avulsas – 22;
- Edições musicais em livro, incluindo partituras, métodos para o aprendizado de instrumentos e biografias de compositores – 60.

O material que se encontra no Seminário é, na sua esmagadora maioria, sacro, com porcentagem de menos de 10% de obras profanas.

O acervo traz repertório coral para as mais diversas formações desde coro em uníssono, passando por repertório a duas, três, quatro ou até seis vozes, para coro masculino, e vozes iguais e coro misto com vozes infantis. Há uma grande diversidade de composições para o ordinário da missa, tanto para tempo comum, como específicas para festas de santos. Algumas obras nesta seção se destacam:

- Diversas cópias da missa ‘*Papae Marcelli*’ de G. P. Palestrina;
- 6 Missas de Lorenzo Perosi: ‘*Messa a tre voce d’uomo*’; ‘*Davidica*’; ‘*Pontificalis*’; ‘*Te Deum Laudamus*’; ‘*Eucharistica*’. Dele também um ‘*Te Deum*’, um ‘*Magnificat*’ responsórios e a coleção ‘*Melodie Sacre di D. Lorenzo Perosi*’ anos de 1900 e 1901. Provavelmente é o compositor com a maior quantidade de obras diferentes no acervo;
- Diversas cópias da missa ‘*Sancte Michaelis Archangelis*’ (Pe, Jorge Braun);
- Mais de 60 exemplares da ‘Missa Azul’ de Furio Francheschini;
- Matinas do Natal de N. Sr. Jesus Cristo a quatro vozes pequena orquestra – Pe. José Maria Xavier;
- Diversas missas para datas específicas do calendário, possivelmente alusivas a jubileus de ordenação de padres ou outras efemérides. Por exemplo, a. ‘Missa do Jubileu Áureo do Seminário S. José’;
- Diversos Hinos Jubilares e também laudatórios a personalidades do Seminário e da Arquidiocese.¹¹

Como já dito anteriormente, cerca de 10% do repertório do acervo é de obras profanas, que inclui material de canto, orfeônico, arranjos de árias e coros de ópera, peças folclóricas e uma pasta totalmente dedicada à Música Popular Brasileira.

Além das obras antigas o acervo continua a ser construído com publicações modernas de música sacra, Hinários e livretos da CNBB, material de Campanhas da Fraternidade e cópias do repertório do Coral do Seminário nos últimos 50 anos.

Ainda integram o acervo métodos de ensino de alguns instrumentos. Na sua maioria escolas preparatórias para piano, harmônio e acordeom. Mas também alguns poucos para instrumentos de banda e livros de solfejo e teoria musical.

Os acervos do Seminário, tanto de obras instrumentais quanto vocais, nos levam a crer que havia intensa atividade musical na instituição. Testemunhos de ex-alunos nos dão informações da existência de pelo menos dois coros (um para o Seminário Menor e outro para o Maior); a orquestra e pelo menos três bandas de música (pelo menos uma delas no Seminário Menor).

¹¹ Hino jubilar D. Helvécio (Pe. Benedito de Lucca / Pe. João Batista Lehmann SVD).

Hino jubilar D. Oscar de Oliveira, Pai, Mestre e Pastor (Pe. Cornélio da Silva e Pe. Xavier Gomes).

Hino 200 anos Seminário, Congresso Arquidiocesano e Jubileu de Ouro de D. Helvecio (Prof. Francisco Horta e Pe. Francisco Xavier).

Quanto à prática musical diária no Seminário, as informações de ex-alunos, detalham uma rotina de vários ensaios semanais dos grupos musicais e o papel fundamental dos chamados “encarregados da música”. Sempre havia em cada um dos grupos um aluno designado para exercer as funções de arquivista, organizador do local de ensaio podendo, em alguns casos, também exercer a função de copista, quando necessário. Graças ao trabalho desses alunos, restaram ainda listas de repertório das bandas em três momentos da primeira metade do século XX:

- Um relatório datado de 7/03/1917, no qual uma das bandas era denominada “Lira Arquiepiscopal do Seminário de Mariana”. Nele são listados os instrumentos da banda num total de 20, com descrição do estado de cada um: em bom estado, novos, usados e reformados. Na segunda parte, sob o título “Peças de música existentes” as obras são listadas por gênero e com os títulos completos: 102 dobrados; 55 marchas; 16 ouvertures; 10 valsas; 5 hinos; 3 mazurcas; 1 schottische; 5 polkas; 5 músicas sacras e dois tangos. Após observar que “grande número de peças mencionadas neste relatório, acham-se inutilizadas por faltarem as partes...[ilegível] e mais estragos”, assina José Ferreira de Carvalho, como “Actual encarregado da banda”;
- Há outra lista de obras em ordem alfabética, com gênero musical especificado entre parênteses (hinos, marchas, dobrados, polkas), datada de 1930, mas sem assinatura;
- Datada de 1965, mais uma lista de repertório em ordem alfabética, com colunas para título, autor e gênero musical. Ao final, a lista de integrantes de um “Pequeno Conjunto de Instrumentos”: 2 sax.; 2 pistons; clarineta; trombone; piano e bateria. E a lista de “Componentes da Banda” em fevereiro de 1965, com 22 membros divididos entre efetivos e suplentes.

A regência dos grupos musicais ficava com frequência a cargo dos próprios padres lazaristas, que exerciam funções pedagógicas e administrativas, além das musicais. Alguns religiosos também integravam as bandas e a orquestra em vários momentos. Dois regentes foram destacados em dois períodos importantes da atividade musical no Seminário: Padre Aristeu Maia CM., regente da Banda e do coro do Seminário Menor nas décadas de 1940 e 1950; e o Padre. Ézio Rodrigues de Lima CM, seu sucessor. Vale indicar que ambos exerceram também, paralelamente, em algum momento, a função de reitor do Seminário.

Nas missas os coros cantavam *a capella*, acompanhados de órgão, harmônio ou orquestra. As bandas eram responsáveis pelo acompanhamento das procissões dentro e fora da instituição.

Também é interessante ressaltar, que a formação dos instrumentistas acontecia frequentemente de forma autodidata. Os alunos recebiam os métodos de estudo e os instrumentos e após algumas instruções básicas eram incentivados a aprender a dominar os instrumentos. Havia casos de membros da banda que tocavam vários instrumentos, podendo servir como suplentes na falta dos músicos principais.

“Santa Cecília Ressurge”

Sob este título inicia-se um texto descritivo da campanha desenvolvida para a renovação da Banda Santa Cecília realizada entre os anos de 1948 e 1950. Desde 1947 há registros detalhados do fluxo de caixa da corporação, mantidos pelo Padre Nunes, provavelmente um dos responsáveis pela Banda. Uma pequena caderneta com o título “Movimento financeiro e Correspondência da Banda Sta. Cecília” datada de 20/07/1947 traz o seu nome. Na primeira parte são descritas contribuições de alunos para a manutenção da banda, gastos com concertos, reforma e transporte de instrumentos e gastos com correspondência. Na segunda parte estão anotadas as contribuições do Seminário para a Banda e, finalmente, na terceira parte há um controle de correspondência.

Todavia, a partir de 1948, estas anotações são entrelaçadas com um outro relato, em folhas avulsas, no qual Padre Nunes – após fazer uma digressão quase filosófica sobre os efeitos do tempo sobre a Banda –, inicia um relato sobre a campanha desenvolvida dentro do Seminário para revitalizar os instrumentos do grupo, segundo as descrições em condições muito precárias naquele momento.

Todo o movimento foi iniciado em 22 de novembro de 1948, quando a Banda se apresentou no intervalo de aulas no caramanchão do antigo Seminário¹² atraindo todos os seminaristas. Em 28 de dezembro de 1948, os seminaristas organizaram uma “interessante e original sessão teatral, em benefício da Banda, com a entrada de 2 cruzeiros”. Após a apresentação inicial da Banda, um dos alunos fez um pronunciamento, anunciando que “Os seminaristas esperamos em 1950, possuir uma Banda musical, senão completa, pelo menos apresentável...”. Em seguida foram enumeradas as ações propostas para alcançar o objetivo:

1. Trabalharemos todos, durante as férias, fazendo ‘sacrificozinhos’ de algumas moedas, cinemas, etc. Esperam-se de cada um 50,00.
2. Os neo-filósofos poderiam, se quisessem angariar uns 100,00, quantia que deles se espera.
3. Os paraninfos da Sta.Cecília para 1949 são os seguintes [...] destes, esperamos a quantia de 150,00
4. Os honoris causa da “Batuta Cecilianiana” serão todos aqueles que nos trouxerem mais de 200,00, seus retratos se colocaram no quadro de honra da Banda.
5. O “Livro de ouro” acolherá em gratidão os nomes dos contribuintes e amigos da Sta. Cecília.

Seguiu a apresentação com música e teatro, trazendo o drama “O Fantasma do Castelo”.

Padre Nunes destaca também que durante a apresentação no fundo da sala funcionava um “botequim de secos e molhados” em prol da Banda.

As anotações do Padre Nunes, seguem em todo decorrer do ano de 1949, relacionando as contribuições de alunos, ex-alunos e benfeitores diversos para a renovação da Banda. Descreve os orçamentos feitos para a reforma dos instrumentos antigos e a compra de 11 novos. No final de seu relato, informa que “Novos planos de melhoramento para nossa Banda estão sendo amadurecidos”. E conclui: “Cinco anos de luta com dificuldades sem número, mas com tenaz perseverança. Haveremos de prosseguir, se Deus quiser, este relatório-crônica”.¹³

¹² Neste período o Seminário ainda funcionava no seu prédio original, onde atualmente se localiza o ICHS, Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto.

¹³ MINAS GERAIS, MARIANA. SEMINÁRIO MAIOR. NUNES, Pe. **Santa Cecília Ressurge**. Não paginado. Manuscrito.

Passados poucos anos do ‘ressurgimento’ da Banda, em 1957, o então reitor, Padre Ézio informa: “E a Banda morreu”.

Ao que tudo indica, a campanha feita em 1948-49 e sua documentação foram primordiais como indicações para a nova iniciativa de restauração da Banda. Novamente pedidos de ofertas a alunos, ex-alunos e benfeitores foram feitos, além de rifas. Envelopes especiais foram confeccionados para o recebimento das ofertas e, novamente, o grupo teatral do Seminário organizou uma apresentação em prol da Banda. Atuando de forma mais organizada ainda, foram elaboradas cartas modelo a serem enviadas a cada grupo, anotadas as contribuições e também os agradecimentos.

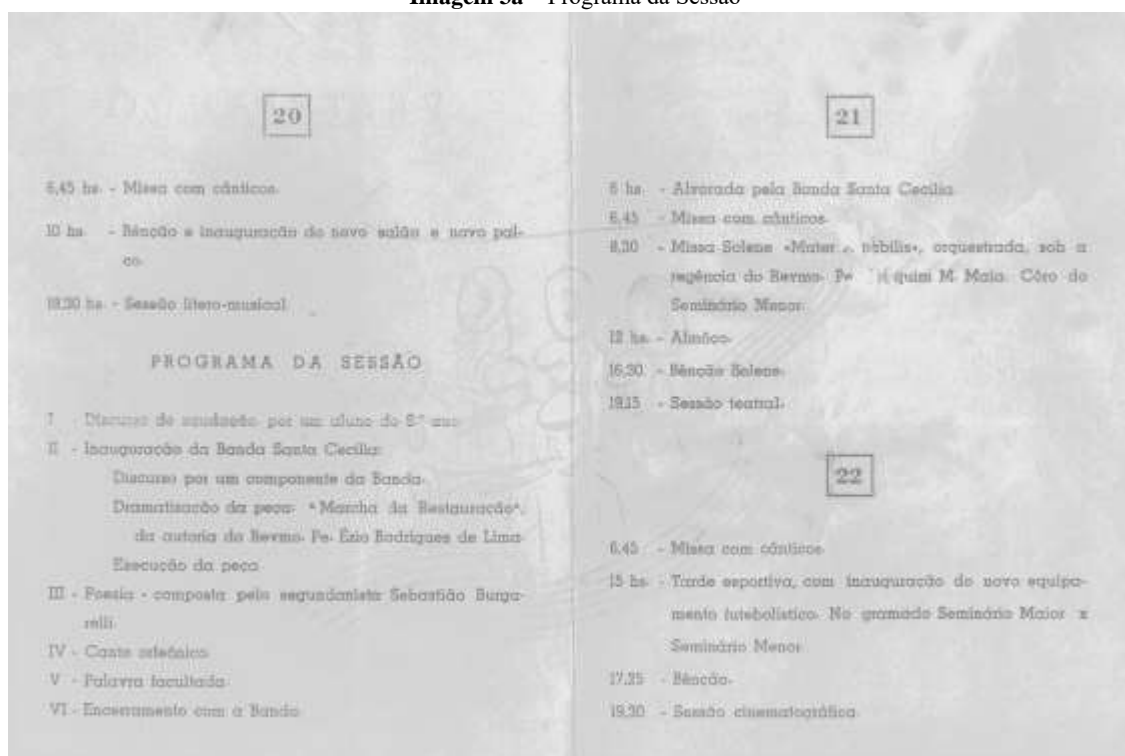
Toda a movimentação para a revitalização da Banda foi documentada em um ‘libreto’ datilografado, com o título “A Marcha da Restauração”. Na verdade, tratava-se da descrição de uma obra composta pelo próprio Padre Ézio para a primeira apresentação da nova Banda, no dia 22 de setembro de 1958, data também do seu aniversário.

Imagem 3 – Programa da Sessão”



Fonte: MINAS GERAIS, MARIANA. SEMINÁRIO MAIOR.

“Imagem 3a – Programa da Sessão”



Fonte: MINAS GERAIS, MARIANA. SEMINÁRIO MAIOR.

Num estilo muito próximo ao usado pelo Padre Nunes, o texto descreve o abandono dos instrumentos, o silêncio incômodo nos corredores do Seminário sem a Banda, e a designação dos responsáveis pela restauração da Banda; Padre Otacílio, recém ordenado, se encarrega de fazer um inventário da situação dos instrumentos. Nas palavras do Padre Ézio: “E, como Ezequiel, caminhando para um campo coberto de ossos, ele se encaminhou para o quarto coberto de pedaços de metais”. O texto, datilografado, especifica em vermelho qual parte da obra deve ser tocada após as partes da narração. Segundo o programa do evento, após a “dramatização” da peça, a Marcha da Restauração foi executada na íntegra.¹⁴

“Imagem 4 – Banda do Seminário Menor 1958”



Fonte: Arquivo pessoal J. D. Vital.

A última informação que se tem da Banda Sta. Cecília são três páginas manuscritas, sem autoria específica, uma carta aos integrantes, que a julgar pela introdução, deve ter sido escrita em 1966:

“Senhores Músicos, A Banda Santa Cecília que passara por um período de decadência foi reerguida em 1958 sob a direção do Revmo. Sr. Pe. Ézio. Conservou em condições apresentáveis até 1965. Desde então vem decaindo novamente. Agora não podemos, de modo algum deixa-la morrer”.

O tom da carta é mais de desabafo e insatisfação. Ao contrário do espírito de otimismo e disposição para retomar as atividades da Banda, o autor se queixa de pessimismo, falta de colaboração e críticas

¹⁴ MINAS GERAIS, MARIANA. SEMINÁRIO MAIOR. LIMA, Ezio Rodrigues de. *A Marcha da Restauração*. Não paginado. Datilografado.

excessivas como fatores para a decadência da corporação. Em vista da situação o autor, provavelmente o então ‘encarregado da música’ informa novas regras de funcionamento:

- Ensaios particulares adicionais aos semanais com o grupo completo;
- Reuniões plenárias mensais com comparecimento obrigatório para discussão de problemas e decisões que deverão ser colocadas no livro de atas;
- Eleição de diretoria constituída de três cargos: Presidente; Secretário e Tesoureiro.¹⁵

O texto nos dá conta da deterioração do ambiente dentro da Banda. E levando-se em consideração que o ano em questão é 1966, provavelmente as tensões e descontentamentos dentro da corporação eram nada mais do que um reflexo da atmosfera do Seminário como um todo. Alguns relatos informam que na data do fechamento da instituição a Banda não existia mais. Mas até o momento não há documentos que comprovem esta afirmação.

Considerações finais

Ao estudar e levantar informações sobre a atividade musical do Seminário de Mariana é possível traçar uma trajetória de transição de uma instituição que no início de sua história se beneficia do contexto musical no qual está inserida, aceitando músicos já formados e dando a eles a educação eclesial necessária para tomar as ordens sacras. Neste primeiro momento, o Seminário parece não ter atividade musical própria, se atendo a ter uma relação pragmática com a educação musical: o que bastasse para atender as necessidades do dia a dia nos ofícios e missas internas e a formação básica de cantochão esperada de um candidato a sacerdote. Como já dito, a idade dos alunos, neste período (quase todos já adultos e tendo recebido antes alguma formação externa) reforça a hipótese de complementação e adaptação das habilidades musicais pré-adquiridas com a finalidade de moldá-las para o serviço litúrgico.

Numa segunda fase, mais precisamente a partir da entrega da direção do Seminário aos padres lazaristas, a atividade musical e o ensino da Música vão ganhando mais espaço e relevância na formação e na vida diária da instituição. Ainda não foi possível encontrar informações a respeito das origens dos diversos grupos musicais dos Seminários Maior e Menor, mas é sabido que no regime de internato com disciplina rígida de estudos, horários e também de comportamento, a atividade musical e outras atividades artísticas – deve-se mencionar a existência de grupos de teatro, assim como grupos de oratória – foram fonte de lazer e de equilíbrio para muitos alunos. Um dos ex-alunos, hoje bispo emérito de uma diocese de Minas Gerais, chegou a afirmar que a participação na Banda foi decisiva para que ele terminasse a sua formação e chegasse a ser ordenado. Chegado no Seminário na pré-adolescência, viu na corporação o estímulo para permanecer e também para desenvolver a sua inclinação para a música.¹⁶

¹⁵ MINAS GERAIS, MARIANA. SEMINÁRIO MAIOR. SEM INDICAÇÃO DE AUTOR. Carta aos músicos da Banda Sta. Cecília. Não paginado. Manuscrito.

¹⁶ MELO, Edvaldo Antonio de; COUTO, Adilson Luiz Umbelino; CARVALHO, Valter Magno (Orgs.). **Seminário de Mariana: Memória dos 270 anos** / Edvaldo Antonio de Melo; Adilson Luiz Umbelino Couto; Valter Magno de Carvalho (Orgs.). Mariana/MG: Editora Dom Viçoso, 2021. (No prelo).

Principalmente a partir do século XX o Seminário passou a influenciar o seu entorno em termos musicais. Pode-se dizer que até a década de 60 a instituição era a referência musical da cidade, em situação de grande decadência e dificuldade no período de transição entre o final da extração de ouro e a chegada dos grandes conglomerados da mineração. As bandas, o coro e principalmente a Orquestra do Seminário tiveram papel de destaque na vida musical de Mariana, Ouro Preto e cercanias sendo em muitos momentos as poucas opções de lazer e música de qualidade da região, que então já possuía diversas outras corporações musicais, mas com condições e repertório mais modestos do que as da instituição.

Vale ressaltar que é grande a probabilidade de o repertório da Banda Santa Cecília ter sido também doado ao Museu da Música de Mariana, após a extinção da mesma. Porém a seção ‘Bandas’ do acervo ainda necessita de catalogação. Com este trabalho realizado, será possível cruzar as listas de repertório deixadas pelos encarregados da Banda para esclarecer se as obras realmente se encontram lá. Neste trabalho, espera-se, por exemplo, ter a possibilidade de encontrar a partitura da ‘Marcha da Restauração’.

Ainda é preciso salientar o impacto da atividade musical dentro do Seminário para a propagação da música dentro da Arquidiocese. Havia dentre os alunos, alguns de formação musical mais sólida que deixaram composições, algumas em uso até os dias de hoje, e outras que se tornaram parte dos arquivos. Outros ex-alunos, ao chegar em suas paróquias, tomaram iniciativas de implantação de orquestras, coros e outros grupos musicais.

A figura do ‘Encarregado da Música’ ainda se mantém na atualidade tanto no Seminário Maior quanto no Menor, responsável por organizar e prover a música para os ofícios e missas diários de cada uma das Casas. Os grupos instrumentais foram de fato extintos com o fechamento de 1966. O coro se manteve de forma intermitente até o início dos anos 2000 a cargo de diversos padres com formação musical. A partir de 2007 voltou a atuar de maneira permanente com regente externo ao Seminário. No entanto, sua área de atuação está circunscrita às cerimônias da própria instituição com raras interações com o público externo.

Referências bibliográficas

- CASTAGNA, Paulo. Produção musical e atuação profissional de João de Deus de Castro Lobo (1794-1832): do desaparecimento de seus autógrafos à transmissão de sua música pelas redes sociais. **Opus: Revista Eletrônica da ANPPOM**, v.18, n.1, jun. 2012, p.9-40. ISSN: 1517-7017.
- GODINHO, Josineia. **Do iluminismo ao cecilianismo: a música mineira para a missa nos séculos XVIII e XIX**. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música, Universidade Federal de MG. Belo Horizonte, 2008.
- MELO, Edvaldo Antonio de; COUTO, Adilson Luiz Umbelino; CARVALHO, Valter Magno (Orgs.). **Seminário de Mariana: Memória dos 270 anos** / Edvaldo Antonio de Melo; Adilson Luiz Umbelino Couto; Valter Magno de Carvalho (Orgs.). Mariana/ MG: Editora Dom Viçoso, 2021. (No prelo).
- MINAS GERAIS, MARIANA. SEMINÁRIO MAIOR. CARVALHO, José Ferreira de. **Relatório da Lyra Archiepiscopal do Seminario de Mariana**. Não paginado. Manuscrito. 7/3/1917.
- MINAS GERAIS, MARIANA. SEMINÁRIO MAIOR. LIMA, Ezio Rodrigues de. **A Marcha da Restauração**. Não paginado. Datilografado.

- MINAS GERAIS, MARIANA. SEMINÁRIO MAIOR. NUNES, Pe. **Santa Cecília Ressurge**. Não paginado. Manuscrito.
- MINAS GERAIS, MARIANA. SEMINÁRIO MAIOR. SEM INDICAÇÃO DE AUTOR. Carta aos músicos da Banda Sta. Cecília. Não paginado. Manuscrito.
- MINAS GERAIS, MARIANA. SEMINÁRIO MAIOR. SEM INDICAÇÃO DE AUTOR. Lista de partituras. Não paginado. Manuscrito. 1930.
- MINAS GERAIS, MARIANA. SEMINÁRIO MAIOR. SEM INDICAÇÃO DE AUTOR. **Corporação Musical Sta. Cecília 1965 – Peças de harmonia** (continuação). Não paginado. Manuscrito. 1965.
- PEREIRA, João Paulo Rodrigues. O Ensino no Seminário de Mariana durante o período de Dom Antônio Ferreira Viçoso (1844-1875). **Saberes Interdisciplinares** Ano XI, nº 22, jul.-dez./2018. Edição Especial Vol. 2 Atas do XII Colóquio Antero de Quental.
- SELINGARDI, S. C. **Educação Religiosa, Disciplina e poder na Terra do Ouro: A História do Seminário de Mariana entre 1750 e 1850**. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2007.
- SIQUEIRA, Anna Karolina Vilela. Seminário de Mariana: Educação católica e formação sacerdotal (1820-1835) **Edição 30 - Temporalidades**, Belo Horizonte, Vol. 11, n.2 (mai./ago. 2019).
- VITAL, J. D. **A revoada dos anjos de Minas** (ou A diáspora de Mariana). Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2016.